

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
LICENCIATURA

ISABELLA MENEZES DA SILVA
PÂMELLA ALEXSANDRA SANTANA DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
EM PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA)**

RECIFE/2022

ISABELLA MENEZES DA SILVA
PÂMELLA ALEXSANDRA SANTANA DA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
EM PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA)**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,
como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em
Licenciatura em Educação Física.

Professor Orientador: Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 1745.

S586i Silva, Isabella Menezes da
A influência da educação física escolar em pessoas com tea (transtorno do espectro autista). / Isabella Menezes da Silva, Pâmella Alexandra Santana da Silva. Recife: O Autor, 2022.

29 p.

Orientador(a): Prof. Dr. Edilson Laurentino dos Santos.

Trabalho De Conclusão De Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – Unibra. Licenciatura em Educação Física, 2022.

Inclui Referências.

1. Autismo. 2. Inclusão. 3. Educação escolar. I. Silva, Pâmella Alexandra Santana da. II. Centro Universitário Brasileiro - Unibra. III. Título.

CDU: 796

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

*“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos
nós ignoramos alguma coisa. Por isso
aprendemos sempre.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 REFERENCIAL TEÓRICO	09
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	12
4 RESULTADOS.....	13
4.1 Autismo e suas características.....	19
4.2 Metodológicas inclusivas para orientação de alunos com TEA.....	21
4.3 Educação Física Escolar para o aluno com TEA.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6 REFERÊNCIAS.....	26
7 AGRADECIMENTOS.....	29

A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM PESSOAS COM TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

Isabella Menezes da Silva

Pâmella Alexsandra Santana da Silva

Edilson Laurentino dos Santos¹

Resumo: A inclusão de pessoas com o transtorno do espectro autista nas aulas regulares de Educação Física Escolar, com um programa que visa atividades físicas capazes de beneficiar o desenvolvimento dos alunos. Tendo uma importância fundamental no desenvolvimento motor, social e cognitivo dos (as) autistas, as aulas devem ser totalmente preparadas para este público. É entender a necessidade de cada indivíduo, respeitando seus limites, atribuindo valores e adquirindo bons resultados de acordo com William Stainback (2007). A influência da Educação Física ajuda na inclusão do ambiente escolar, capacitando os alunos a ter mais independência e a viver igualmente aos demais. A escola e o(a) professor(a) podem se utilizar de estratégias pedagógicas adequadas e elaboradas para proporcionar o desenvolvimento das capacidades físicas e cognitivas de todos os alunos. Explicando de uma forma baseada em revisões de como se informar e saber influenciar o aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista) e o envolver nas aulas, respeitando suas limitações e entendendo suas individualidades.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Educação Física Escolar.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos e observações do mundo atual mostram que existe uma luta muito grande pelo direito das pessoas com autismo que estão em sua minoria na sociedade. Um grupo pelo qual busca pela sua inclusão social e garantia das mesmas possibilidades e oportunidades.

Entende-se autismo, como um conjunto de condutas em dificuldades na inclusão social, além das atividades repetitivas e comprometimento na comunicação, envolve situações e apresentações muito diferentes umas das outras, em uma gradação que vai de leves às graves (CUNHA, 2011).

O transtorno do espectro autista (TEA) engloba diferentes condições no desenvolvimento neurológico, sendo estas marcadas por perturbações que envolvem

características fundamentais, que ao longo do tempo podem se manifestar em conjunto ou isoladamente. Com características relacionadas à dificuldade de comunicação por deficiência no domínio da linguagem e no uso da imaginação em lidar com jogos simbólicos, dificuldade em socializar e padrões de comportamento ligados com as dificuldades da comunicação e relacionamento social (SOARES et al., 2012).

O transtorno do espectro autista acomete pessoas de todas as classes sociais e etnias. Os sintomas podem aparecer nos primeiros meses de vida, mas pais e profissionais de saúde podem nem sempre os reconhecer. O que ocorre com a pessoa com espectro autista é a falta de contato social, e geralmente a primeira pessoa a perceber alguma característica é a mãe, no decorrer dos meses ou anos de vida (CORRÊA, 2016).

Segundo Carniel, Saldanha e Fensterseifer (2011) as distinções do autismo modificam conforme ocorre o aumento cognitivo, tendo os quadros de autismo relacionados à deficiência intelectual grave, sem desenvolver a linguagem, com repetições simples e dependendo do tipo ou grau do autismo.

Ao passar dos anos, pesquisas afirmam a Educação Física Escolar como aliada ao estímulo da pessoa com autismo praticar as atividades e exercícios coletivamente interagindo com outras pessoas, possibilitando o desenvolvimento corporal e possibilitando a inclusão (OLIVEIRA, 2004).

Com a implementação da Lei 9.394/96, escolas regulares passaram a aceitar matrículas de alunos com necessidades especiais. Proporcionou a eles amparo para que aprendam o que for ensinado. É de grande importância haver interação social entre crianças com qualquer tipo de síndrome, mas, em especial, as com TEA, podendo até mesmo melhorar o quadro clínico das mesmas (BAPTISTA; BOSA et al., 2002).

O ímpeto dessa pesquisa é a necessidade de influenciar a inclusão da pessoa com autismo na aula de Educação Física Escolar, com um programa de atividades que possam trazer benefícios no desenvolvimento, visando que a atividade física é uma prevenção de doenças e uma manutenção da saúde. A Educação Física oferecida pelas escolas precisa e deve incluir o movimento, corpo e também a ludicidade como aspectos educacionais indissociáveis. Oferecer oportunidades educacionais adequadas ao desenvolvimento integral é a busca de uma objetiva participação e integração social (WINNICK, 2004)

Reflexões de como abordar também o brincar nas aulas de educação física como intervenção lúdica e proporcionar melhorias para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com ajuda da educação inclusiva visando estabelecer parâmetros para a melhora nas aulas de Educação Física.

Para aprofundar as reflexões da nossa pesquisa, elaboramos a seguinte questão: Quais os possíveis problemas que a Educação Física Escolar tem, ou pode ter, com a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA em suas atividades? Para isso, definimos como objetivo geral da nossa pesquisa refletir sobre as formas de possibilidade de inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista nas aulas de Educação Física Escolar.

E dando suporte ao objetivo geral, os específicos são: Descrever as implicações do autismo sobre aprendizagem motora; discutir metodologias inclusivas para orientação de alunos com Autismo; Descrever os benefícios de uma metodologia inclusiva para o desenvolvimento dos alunos com Autismo em aulas de Educação Física Escolar.

2. REFERENCIAL TEÓRICO.

2.1 Educação Física e a atuação profissional na escola

A Educação Física exerce o processo da formação do professor e sua existência está fundamentada na necessidade de formar as gerações mais novas, passando seus conhecimentos, valores e crenças e, com isso, dando-lhes possibilidades para novas realizações (BELTRAMI, 2017).

Então, pode-se dizer que a Educação Física exerce um papel importante dentro da escola, é deste modo que a capacidade do aluno de se movimentar e interagir com o meio ambiente e com si mesma, transforma e desempenha um papel formidável na extensão dos limites do crescimento e do seu desenvolvimento, sendo este um processo demorado. Além da maturação, as experiências e as características individuais agem no processo do desenvolvimento (CORRÊA, 2016).

Deste modo, o ensino da Educação Física na escola deve ter as três dimensões: o saber fazer, o saber sobre e o saber ser, e dessa forma ter sua própria autonomia para saber como, quando e por que realizar atividades que promovam e incentivem o desenvolvimento das habilidades motoras (CORRÊA, 2016).

O professor também pode planejar diversas maneiras de inclusão e elaborar seus conhecimentos por diversos fatores. Entender analisando a questão na área como um profissional com formação acadêmica ampla e não de um profissional de caráter leigo (GRINKER, 2010).

Camargos Jr et al (2005) diz que é importante o treinamento de professores que trabalham diretamente com essas pessoas, por profissionais qualificados e que haja sempre uma supervisão. O autor cita também que é essencial e fundamental os alunos com TEA terem acompanhamento de profissionais multidisciplinares como terapeutas educacionais, professores de educação física e fonoaudiólogos. Cedendo ao professor de Educação Física o papel de trabalhar para desenvolver a coordenação motora fina e grossa, além de adaptar equipamentos como andadores e cadeira de rodas.

2.2 Educação Física adaptada

A principal função da Educação Física adaptada é a inclusão de alunos com deficiência nas atividades físicas estabelecidas, em Ensino Regular, onde muitas vezes os alunos com deficiência são dispensados.

É ideal apresentar esportes com cunho pedagógico e recreação, dentro do âmbito de lazer de forma elaborada de forma característica para esta classe de pessoas com técnicas de orientação e locomoção específicas (CARMO, 2012).

A Educação Física adaptada vem se tornando uma área do conhecimento na educação física e dos esportes, que tem por objetivo incluir e privilegiar as demais populações que em grande escala é caracterizada por pessoas com deficiência, desenvolvendo as capacidades físicas cognitivas e motoras desta população (CARMO, 2012).

Ao passar dos tempos, a prática pedagógica da Educação Física juntamente às atividades psicomotoras e recreativas tem cada vez mais provas que as necessidades existentes nas potencialidades das atividades em conjunto com sua aplicação, tem se tornando um instrumento junto às pessoas com deficiência que precisam de cuidados educacionais especiais (FRANÇA; ZUCHETTO, 2013).

Com a Educação Física adaptada quem tem de se adaptar ao aluno é o professor e não o contrário; isso deve acontecer justamente porque o professor tem a

capacidade de observar e procurar subsídios que venham a ajudar no desenvolvimento do aluno, de modo que ele ajudará o aluno com deficiência a se adaptar ao ambiente em que está sendo inserido (MAGILL, 2008).

Os efeitos da educação e atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro autista foram mostrados em um estudo com uma criança de quatro anos que fez participação nas aulas de psicomotricidade durante sete meses, com duração de quarenta minutos por aula e três vezes na semana, e após essa intervenção foi possível notar uma melhora significativa e considerada normal para sua idade (MESQUITA, 2015).

2.3 Benefícios da inclusão dos Autistas nas aulas de Educação Física Escolar

A proposta de Educação Física para o aluno autista deve ter suas especificidades, pois elas apresentam individualidades em seu desenvolvimento sensório-motor, na comunicação e linguagem, na cognição e também nas interações sociais. Sendo necessário uma série de adaptações nas atividades elaboradas, tanto no físico como social do local que estão frequentando, em especial as aulas de Educação Física (HOLLERBUSCH, 2001).

A Educação Física para autistas favorece o desenvolvimento de habilidades sociais e possibilita uma melhor qualidade de vida. Conhecendo seus interesses, sua capacidade motora e comunicativa, cria-se um planejamento reestruturado a fim de atender as necessidades do educando, buscando criar uma relação positiva, desenvolvendo a independência e mantendo uma rotina de atividades que são essenciais e benéficas, já que, exercícios que envolvam regras, gincanas e jogos imaginários, causam uma certa frustração a esses alunos e conseqüentemente o desinteresse pelas aulas de Educação Física (TOMÉ, 2007).

Os estudos a respeito do TEA demonstram uma cooperação importante para melhorar as condições motoras, afetivas e sociais. Nota-se então, que a característica desenvolvimentista junto à prática da Educação Física dentro de uma instituição de ensino, tende a facilitar o ensino da mesma para os alunos com TEA. Podendo concluir que a atividade física elaborada por um profissional bem qualificado e que respeita os limites de cada aluno, pode auxiliar no desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens com Autismo (GALLAHU, 2005).

3. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo foi elaborado através de Pesquisas Bibliográficas, que segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica se desenvolve a partir de materiais já elaborados, como artigos científicos, revistas eletrônicas, livros e etc., fazendo-se necessário analisar as informações para descobrir incoerências utilizando fontes diversas, e utilizando com cautela para obter uma pesquisa bibliográfica com qualidade, tendo a vantagem de permitir ao investigador utilizar uma ampla quantidade de dados, baseando-se diretamente das fontes encontradas.

A pesquisa foi realizada nas bases de dados eletrônicos SCIELO, PUBMED, acessadas através do site de busca Google Acadêmico, tendo um caráter exploratório e descritivo com base nos dados dos artigos científicos, dando continuidade as buscas em outras fontes de pesquisas. Foram utilizados os seguintes descritores: desenvolvimento motor, jogos eletrônicos, educação física escolar, infantil. Onde foram utilizados, os operadores lógicos AND, OR e NOT para auxiliar os descritores e os demais termos utilizados para localização dos artigos.

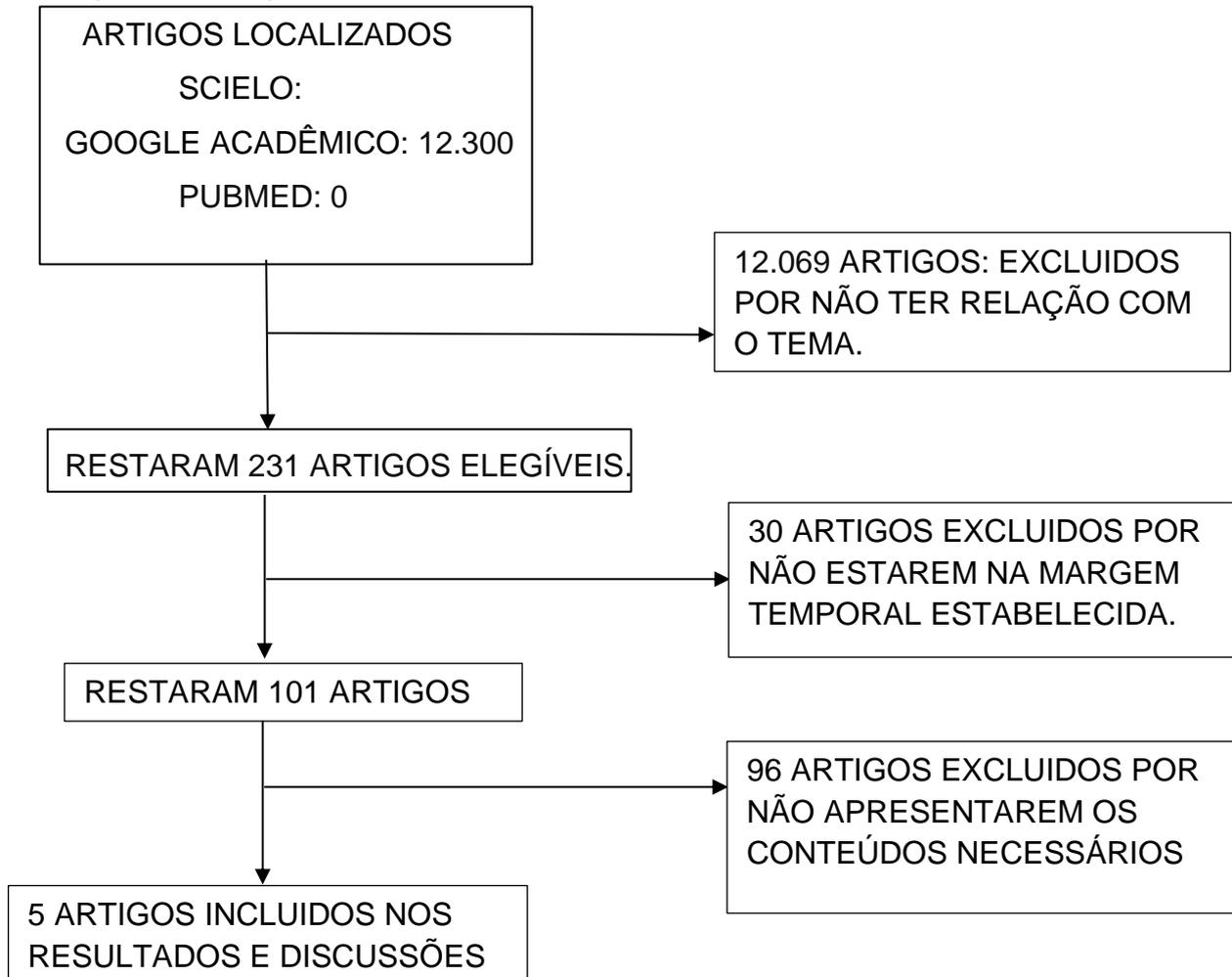
Fizemos a análise do material bibliográfico utilizando os artigos de maior relevância que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: artigos publicados no período de 2002 até 2020 de Língua Portuguesa e Inglesa. Os critérios de exclusão foram artigos que não estiverem dentro do recorte temporal e não tiverem relação direta com o tema pesquisado.

A etapa de coleta de dados foi realizada em três níveis, sendo eles: 1. Leitura exploratória do material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se as obras consultadas são de interesse do trabalho); 2. Leitura seletiva e sistemática (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam) e 3. Registros das informações extraídas das fontes em instrumento específico. Em seguida, realizamos uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que as etapas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.

4. RESULTADOS

Revisão da literatura com vista a contextualizar e fundamentar o tema, o problema de pesquisa e os objetivos a serem trabalhados. É utilizada uma sequência informativa (clareza e relevância) e uma sequência argumentativa.

Figura 1 Fluxograma de busca dos trabalhos



Quadro 1: Resultados encontrados nos levantamentos bibliográficos.

AUTORES	OBJETIVOS	TIPO DE ESTUDO	POPULAÇÃO INVESTIGADA	METODOLOGIA	RESULTADOS
COPETTI, 2012.	Investigar as dificuldades encontradas pelo professor de educação física no processo de inclusão de alunos com necessidades especiais.	Qualitativa.	Professores de educação física escolar.	Foi uma pesquisa semiestruturada, realizada com professores do ensino fundamental e a observação das aulas práticas de educação física.	Percebe-se que não é somente o despreparo, mas sim a dificuldade de trabalhar com o aluno autista, pela sua disposição em participar de todas as atividades, o que desprende do professor uma maior atenção em preparar as aulas e também atividades propostas.
HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. 2001.	Avaliar o conhecimento das capacidades interacionais e os interesses das crianças autistas	Experimental.	Crianças com idade cronológica de 6 meses a 12 anos e de nível educativo pré-escolar.	Foram aplicadas duas tabelas de observação: tabela de categorias de interações	A maior parte das crianças autistas permanecia mais perto dos objetos estáticos do que dos

				<p>sociais de Carney et al. (1977) que foi aplicada no início e no fim da intervenção e o quadro sobre as aptidões específicas do autismo - "client functioning representativ e skills for consideration" de Wheman et al. (1981), que apenas teve o propósito de permitir um melhor conhecimento da população em estudo quanto à comunicação expressiva e receptiva, característica físicas e motoras e</p>	<p>móveis e que as crianças tentavam realizar com os seus pares alguns dos exercícios que tinham aprendido. Quando estas se dirigiam aos objetos móveis, o comportamento era mais relacionado com atitudes de autoestimulação e, por vezes, associadas a movimentos estereotipados e repetitivos. Presenciamos, também, o efeito de transferência pois os alunos foram-se familiarizand</p>
--	--	--	--	--	---

				aptidões sociais.	o com os exercícios físicos apresentados que eram similares aos efetuados com os objetos antecedentes , revelando, assim, mais interesse e colaboração nas atividades que lhes eram propostas.
LAMPREIA, 2003.	Confrontar os dados quantitativos proporcionados por estes instrumentos com uma análise qualitativa dos dados do PEP-R.	Avaliações quantitativa e qualitativa.	Um menino Autista.	Foi realizada uma avaliação quantitativa em um menino autista com análises qualitativas dos dados do PEP.R.	O resultado da análise mostrou competências não reveladas pelos três instrumentos. Isto recomenda uma análise qualitativa mais discriminativa do perfil de

					habilidades da criança autista.
MACIEL; VIEIRA; BARBOSA, 2017.	Pesquisar sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a sua relação com a Educação Física, devido à escassez de estudos e as poucas informações envolvidas com a área, tendo em vista que o número de crianças afetadas com esse transtorno vem aumentando.	Pesquisa qualitativa através do desenvolvimento de pesquisa de campo.	Professores que tinham ou tiveram um contato direto e indireto com estudantes com TEA.	O trabalho foi desenvolvido com base em pesquisa qualitativa através do desenvolvimento de pesquisa de campo. os professores responderam de forma voluntária um questionário de dez questões onde sete eram fechadas e três abertas, sem nenhuma obrigação ou interesses distintos. com o questionário buscou-se informações dos professores	Foi evidenciado que em algumas escolas há poucos métodos abordados pelos professores, o que dificulta a inclusão dos mesmos. Além disso, também há falta de apoio por parte da escola e do governo. os professores entrevistados alegam incentivar a participação desses alunos nas aulas de educação física pois reconhecem a importância

				sobre o TEA, sobre o que eles poderiam nos informar e até mesmo opinar sobre o assunto, colocando seus conhecimentos e opiniões.	das mesmas no desenvolvimento cognitivo, na inclusão e na saúde deles. o TEA em si não era conhecido pelos professores, o que gera mais um problema, a falta de conhecimento por parte dos professores acaba prejudicando o processo de aprendizagem dos alunos.
WEIZENMAN N; PEZZI; ZANON, 2020.	Investigar a experiência de professores em relação a professores com alunos com TEA, contemplando sentimentos e	Pesquisa qualitativa.	Professores de ano inicial do ensino fundamental que possuem alunos com TEA, matriculados na turma.	Foi utilizada uma entrevista semiestruturada e a análise foi qualitativa através da	Evidenciou-se que os primeiros sentimentos que emergiam nos professores foram o

	práticas docente.			análise temática.	medo e a insegurança. Após o período de adaptação, esses sentimentos modificaram-se transformando em segurança no seu trabalho. Com relação à prática pedagógica, foi verificado que os docentes realizaram adequações pedagógicas de acordo com as características de cada aluno.
--	-------------------	--	--	-------------------	--

4.1 Autismo e suas características

O transtorno do Espectro do Autismo, é um termo que abrange muitas manifestações, inclusive o autismo. Atualmente é muito utilizado, mas necessita de um conhecimento mais específico que esclareça sobre o conceito, características e dificuldades que a pessoa com TEA apresenta.

A partir dessa prerrogativa, o objetivo de apresentar e abordar a inclusão da pessoa com TEA se torna essencial. Assim permite uma melhor compreensão do transtorno, tanto para profissionais da saúde tanto para os profissionais do âmbito educacional, deixando claro que essas instituições devem conhecer, incluir e trabalhar com o indivíduo com autismo (SANTOS; VIEIRA, 2022).

O autismo sob o olhar de Gadia (2006), é definido como um transtorno complexo do desenvolvimento, voltado para o lado do comportamento. Podendo ser evidenciado em diversos graus e manifestações, podendo ser do mais leve e menos complexo ao mais grave e mais complexo.

Para corroborar com o pensamento de Gadia, Oliveira (2009) ele fala sobre o significado do nome autismo, “autos” significa “próprio” e “ismo” significa uma orientação ou um estado, ou seja, uma pessoa fechada. Podendo assim entender que pessoas com autismo vivem presa em si próprios, em seus pensamentos e seus próprios mundos.

De acordo com Kanner (1942) ele tituló o autismo como “distúrbios autísticos do contato afetivo”. Denominação que é utilizada por causa dos sinais observados como: estereotípias e ecolalias.

O nome autismo durante os anos passou por várias mudanças e hoje em dia de acordo com o manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, foi mudado para Transtorno de Espectro Autista (TEA).

(APA,2014) A APA (2014), ainda fala que o TEA tem alguns sinais mais comuns, a dificuldade na comunicação e interação social, esses sinais podem ter padrões que são observados desde a infância podendo implicar no dia a dia do indivíduo.

Alguns déficits são identificados na pessoa com TEA, no cotidiano da criança como por exemplo: na comunicação, pode ser identificado um atraso ou ausência do desenvolvimento da linguagem oral, enquanto na interação social é recorrente do autismo. Outra forma de identificação de déficit é a necessidade de estabelecer uma rotina, além de movimentos repetitivos e os estereótipos presentes na maioria dos casos (SANTOS; VIEIRA, 2022).

Com o crescimento de estudos relacionados ao autismo, percebe-se que o seu diagnóstico sofreu algumas alterações durante o tempo buscando um maior conceito, que é o fruto do aumento das pesquisas. Somado a isto, alguns instrumentos de

avaliação foram elaborados com o intuito de proporcionar um perfil mais fidedigno da criança avaliada (LAMPREIA, 2003).

Com o passar dos anos, as pesquisas científicas evoluíram, e como resultado tiveram a conclusão de que o autismo não é um distúrbio de contato afetivo, mas sim um distúrbio de desenvolvimento (KUPERSTEIN; MISSALGLIA, 2005).

Essas características da pessoa com autismo não podem ser motivo para desistência. Enquanto pessoa, é necessário a busca para vencer este desafio nas áreas: pessoal, educacional e profissional. O TEA não se concentra nas dificuldades, mas na ampliação de novas possibilidades de conhecimento, e no compreender a pessoa com autismo e permanecer na busca por evolução (SANTOS; VIEIRA, 2022).

4.2 Metodologias inclusivas para orientação de alunos com TEA.

Considerando a importância da sociedade e escolas mais inclusivas, sabe-se que existem diversas leis e decretos entre outros documentos que garantem o estabelecimento do modelo inclusivo: a declaração mundial de educação para todos e a declaração de Salamanca, resultados da conferência mundial de educação para todos realizada na Tailândia 1990 e da conferência mundial sobre necessidades educativas especiais realizada em Salamanca na Espanha em 1994. Todos estes documentos foram elaborados em defesa do direito que todo indivíduo tem a educação (ZEPPONE, 2011).

A educação é uma forma de aquisição de conhecimentos para qualquer indivíduo, possibilitando o seu desenvolvimento e suas interações sociais. Os valores, princípios, deveres e saberes para a construção de um cidadão, são alguns dos aspectos sociais desenvolvidos. A escola é o mediador para que esse desenvolvimento aconteça. Auxiliando em todo o processo o educacional os professores, estudantes, pais (LUCKESI, 1994; NOVELLI, 2001).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física mencionam que os alunos com necessidades especiais participando das aulas de Educação Física, sistematizada, bem orientada de forma coerente pode se ter efeitos benéficos para os mesmos, sendo eles a interação social, inserção social e desenvolvimento das suas capacidades afetivas (BRASIL, 1998).

Existem vários métodos de aprendizagem que podem ser aplicados nas aulas de pessoas com TEA. A escola e o professor devem estar sempre abertos para recebê-los e entender que cada atividade implementada se tem um objetivo a ser atingido. O jogo por exemplo é uma atividade lúdica e que trabalha as funções cognitivas na linguagem e na motricidade (ROGÉ, 1998; HOLLERBUSCH, 2001, p.86.).

Nas aulas de Educação física escolar deve se ter um cuidado ao sugerir as atividades aos alunos, evitando a competitividade para que os mesmos não se sintam frustrados. Ou seja, o melhor meio para evitar essa frustração é utilizando atividades cooperativas inclusiva (AGUIAR E DUARTE, 2005).

O Método que se utiliza algumas práticas de aventura e esportes pode auxiliar nos movimentos mais autônomo e seguro dos alunos. Como por ex: bicicleta, patins, trampolim etc. (SUMMERFIELD, 1976, DEWEY,1973, apud HOLLERBUSCH, 2001, p.86).

Sabendo que estudantes com TEA tem grandes dificuldades na comunicação e na interação social e também diferentes padrões repetitivos e restritos de comportamento, é possível que eles apresentem um grau de dificuldade maior na hora da compreensão e execução das atividades, fazendo-se necessário que o profissional tenha paciência e busque uma melhor forma de apresentar as atividades. As estratégias de ensino abordadas pelo professor devem ser adaptadas e modificadas de acordo com o aluno, tendo em vista que cada aluno pode apresentar características diferenciadas, fazendo com que todos participem das atividades em harmonia. (MACIEL; VIEIRA; BARBOSA, 2017)

Utilizar a rotina, que é presente na vida do autista, de uma forma positiva, proporcionando uma ativa participação dos alunos autista na aula de Educação Física, é recomendado. Isso implica em trabalhar, especificamente, em horários iguais, trazer a rotina nas atividades que seja interessante fazer alternância ou mudança, buscar atividades em grupo, mas não deixar que atividades individualizadas surtem efeito no caso dos alunos autistas. Em ambientes organizados e simplificados, auxiliam na identificação visual e direcionamento de estímulos relevantes para eles. Apresentar estímulos criando atividades utilizando estratégias visuais é de extrema importância ajudando no desenvolvimento da aprendizagem desses alunos, proporcionando de forma objetiva as orientações gerando melhores chances de sucesso na compreensão (NADAL, 2011).

Com o mesmo pensamento de Nadal, Costa (2017) concorda na utilização de apoio visual durante as aulas especificando fotografias, desenhos ou palavras, deixando mais claro o que foi introduzido e o que deve ser realizado em seguida.

Como já mencionado anteriormente existem vários métodos e programas, entre eles destaca-se o TEACCH (treatment and education of autistic and related communication handicapped children), por ser o método mais utilizados pelas instituições de todo o Brasil. Além de ter como o seu objetivo principal facilitar a aprendizagem do aluno e desenvolver a autonomia dos mesmos (BANDIM, 2011).

4.3 Educação Física Escolar para o aluno com TEA.

A escola é o lugar onde se proporciona mudanças, portanto a inclusão de crianças com necessidades especiais na rede regular de ensino pode ser o início e o incentivo para outras transformações não somente de pensamentos que muitas vezes não são suficientes, mas também de atitudes, pois através delas pode fazer a diferença (COPETTI, 2012).

Ainda segundo COPETTI (2012) Os alunos com necessidades especiais, até alguns anos atrás, não tinham acesso à educação, nem às escolas regulares sendo elas públicas ou particulares. Eram somente atendidas em locais específicos, com pessoas formadas e orientadas para trabalhar com as dificuldades específicas de cada pessoa. Há pouco tempo foi inserida a inclusão destas pessoas em escolas regulares através de leis e decretos e para tanto os professores ficaram com o desafio de cada vez mais buscar formação para que possam suprir as necessidades das mesmas, estudando, entendendo, aceitando, acompanhando o desenvolvimento e aceitação.

Por se tratar de uma gama de condições, a forma comportamental e cognitiva das crianças com TEA podem ser diversificadas, o que atribui ao professor caminhos e dificuldades peculiares no manejo com o aluno com TEA e os outros da turma (WEIZENMANN; PEZZI; ZANON, 2020).

Professores precisam atentar-se quanto ao ritmo de aprendizagem de cada criança e ter em mente que crianças com TEA possuem um certo atraso na aprendizagem, além de possuírem dificuldades em se expressar, o que muitas vezes dificulta a comunicação entre ela e o professor.

Adotar estratégias pedagógicas para crianças com TEA pode ajudar no seu desempenho. Também é importante que o professor inove a cada aula, explore as melhores estratégias e mantenha as que funcionem.

Em contexto escolar, Amaral (1998) diz que é um dever educacional prestar um bom atendimento de serviço para toda sociedade e atender às necessidades específicas de cada aluno. E nesse processo, cabe ao professor e à escola se adaptarem às necessidades dos alunos, e não o oposto. Isso deverá acontecer nas aulas de Educação Física, pois, segundo Tomé (2007), não está ligada apenas aos gestos e fundamentos técnicos, mas ao objetivo de promover a interação social e melhora na qualidade de vida.

Sendo assim, espera-se que o processo contribua com que a escola não preste um serviço comunitário e social, mas sim para a formação de cidadãos pensantes, críticos(as), que podem e devem transformar sua realidade e a sociedade em que vive.

A Educação Física assume o papel de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que irá produzir, reproduzir e transformá-la por meio de esportes, jogos, atividades rítmicas e dança, ginásticas e práticas de aptidão física, sendo como principal finalidade a qualidade de vida (BETTI, 1992; BETTI; ZULIANI, 2002).

Os alunos com TEA encontram vários desafios significativos que os colocam em um alto risco de não ter experiências fundamentais em atividades lúdicas, o que deve impactar o desenvolvimento para toda a vida, o bem-estar psicológico, o funcionamento social e também a participação cultural.

Entre as características mais marcantes em crianças com TEA está a ausência de habilidades e competências em interação social e comunicação, a qual as mantem na solidão, e isoladas de seu ambiente social. O desenvolvimento das habilidades é gradativo, e nele intervêm processos de aprendizagem e mecanismos diferentes, que a criança vai utilizando para construir, a partir de sua experiência, uma progressiva compreensão e adaptação ao mundo que o rodeia e que é muito importante para sua futura socialização (RODRÍGUEZ, 2012).

Educação Física pode ser uma grande aliada de extrema importância no processo de adaptação, porém o professor deve procurar a melhor forma de ajudar a desenvolver suas capacidades em geral e a vencer os desafios futuros que vão chegar para esses alunos (COPETTI, 2012)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar e estudar sobre o autismo e nos modos de como as crianças autistas desenvolvem seus conhecimentos, mostram-se diversas questões que perpassam o meio social e a forma como compreendemos o mundo. Na sociedade por existir um padrão, se estabelece um modelo de indivíduo e tenta enquadrá-los nesse padrão. Todo indivíduo tem sua peculiaridade e potencialidades a serem encontradas. Os professores e professoras devem se atualizar e se atentar sobre os conhecimentos voltados ao autismo, para que os mesmos possam se desenvolver e conseqüentemente garantindo o respeito a sua individualidade motora e cognitiva, evoluindo na construção de conhecimento através das aulas de educação física escolar.

Portanto, a aprendizagem deve ser também singular, desenvolvida ou aplicada em um ambiente estimulador, de interação com outros colegas, tornando-os todos participativos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S.; DUARTE, É. Educação Inclusiva: um estudo na área da educação física. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbee/v11n2/v11n2a5.pdf>> acesso em: 02 Outubro 2022, 20:27hr.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM-V**. Porto Alegre. Artmed, 2014.
- BANDIM, José Marcelino. **A criança autista e a escola: uma abordagem prática**. Recife: Bagaço, 2011.
- BAPTISTA, C. R.; BOSA, C.; Et al. **Autismo e Educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002, v. 1., p. 180.
- BELSÁRIO, J.J.F.B.; CUNHA.P. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Transtornos globais do Desenvolvimento da Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v.9, 2011
- BELTRAMI, D. M. Dos fins da Educação Física escolar. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 12, nº 2, p. 27-33, 2017.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Bauru, SP, junho de 2002, p. 73-81.
- BRASIL, 1998.**Parametros curriculares nacionais**.
- CAMARGOS JR., W.(org.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3o Milênio**. 2. ed. Brasília: CORDE, 2005.
- CARMO, A. A. Inclusão escolar e a Educação Física: que movimentos são estes? **Revista Integração**, Edição especial: Educação Física adaptada, Brasília, ano 14, p. 6-13, 2012.
- CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. A atuação do enfermeiro frente à criança autista. **Revista Artigo Original de Pediatria**, São Paulo, v. 2, nº 3, p. 21-33, 2011.
- CORRÊA, D. A. **Ensinar e aprender Educação Física na “era Vargas”:** **lembranças de velhos professores**. In: VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – 2006, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCPR, v. 1, 2016.
- COPETTI, J.R. **A Educação Física Escolar e o autismo: Um relato de Experiência no Instituto municipal de ensino Assis Brasil (IMEAB) No município de Ijuí (RS)**. 2012.

COSTA, M. **Estratégias de ensino para pessoas com TEA no ambiente escolar.** Portal comporte-se psicologia & análise do comportamento, 2017.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão:** Psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

FELIPE, A.G; JUDITH, S.C.L. Abordagem da aprendizagem: Educação Física e inclusão do aluno autista. **Revista Lusófona de Educação**, Rio de Janeiro, 2010.

FRANÇA, C.; ZUCHETTO, A. T. Comparação do comportamento social de um portador de deficiência mental antes e durante um quadro depressivo, em sessões de atividade motora adaptada: um estudo de caso. XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. **Anais...** Caxambu/MG, setembro, 2013.

GADIA, C. **Aprendizagem e autismo: transtorno da aprendizagem: abordagem neuropsicológica e multidisciplinar.** Porto Alegre. Artmed, 2006.

GALLAHUE, D.L **Compreendo o desenvolvimento motor.** 2005.

HOLLERBUSCH, R. M. da S. L. **O desenvolvimento da interação social das crianças com alteração do espectro do autismo:** estudo exploratório da influência da educação física na promoção do relacionamento interpessoal. Universidade do Porto, 2001.

KANNER, L. **Distúrbios autísticos do contato afetivo.** Nervo Chile. 1942; 26: 55-65.

KUPERSTEIN, A. ; MISSALGLIA V. (2005). **Autismo.**

LAMPREIA, C. **Avaliações quantitativas e qualitativas de um menino autista: uma análise crítica.** 2003

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação** /São Paulo : Cortez, 1994.

NOVELLI, P. G. O conceito de Educação em Hegel. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 5, n. 9, p. 65-88, 2001.

MACIEL, E. S.; VIEIRA, A. V.; BARBOSA, M. O. O ponto de vista dos professores de educação física escolar sobre o estudante com transtorno do espectro autista (TEA). Enedis. Alagoas, CE, 2017.

MAGILL, R.A. **Aprendizagem motora:** conceitos e aplicações. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.

MESQUITA, H. SERRANO. O efeito da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo. **Revista de Ciências**, 2015.

NADAL, P. **O que são os Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)?.** Nova Escola, 2011.

OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a Educação Física escolar. In: VIEIRA, J. L. L. **Educação Física e esportes:** estudos e proposições. Maringá: Eduem, 2004.

OLIVEIRA, A.M.B.C. **Perturbação do espectro de autismo: a comunicação.** Porto: ed. Porto,2009.

PEREIRA, S.A; BIZO, N.J.; FERRAZ, D.S.; PAIVA, D.S; SOARES, D.B. Educação Física Escolar para crianças com transtorno do espectro autista: Contribuições para professores de Educação Física. **Revista Saber Acadêmico.** Presidente Prudente, n.28, p.2-15, jul/dez.2019.

RODRÍGUEZ, C. H. (2012) **Influência e importância del juego em el desarrollo de niños con autismo de 0 a 6 años.** Instituto Superior de Estudios Psicologicos.

SANTOS.R.K;VIEIRA.A.M.E.C.S.**Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento á inclusão no âmbito educacional.** 2022.

SOARES et al. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

TOMÉ, M. C. **A Educação Física Como Auxiliar No Desenvolvimento Cognitivo E Corporal Dos Autistas.** Espírito Santo do Pinhal, SP, v.8, n. jul/dez (2007).

WEIZEWNMANN, L.S, PEZZI, F.A.S. ZANON, R.B. **Inclusão escolar e autismo: Sentimentos e práticas docentes.** 2020.

WILLIAM S. inclusão no âmbito escolar: Autismo e educação física. **Revista científica FacMais.** 2007.

WINNICK, J. P. Organização e Gerenciamento de Programas. In: WINNICK, J. P. (Org.). **Educação física e esportes adaptados.** Barueri: Manole, 2004. p.21-36.

ZEPPONE, R. M. O. **A conferência mundial de educação para todos e a declaração de Salamanca: alguns apontamentos.** Revista de Educação Especial, v. 24, n. 41, p. 363 - 376, 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos familiares, aos nossos amigos e a Deus.

Agradecemos também ao nosso orientador, Edilson Laurentino dos Santos.